

UKIGUMO
“NUVENS FLUTUANTES” / 1955

um filme de MIKIO NARUSE

Realização: Mikio Naruse *Argumento:* Yôko Mizuki *a partir de um romance de* Fumiko Hayashi *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Masao Tamai *Montagem:* Hideshi Ohi *Música original:* Ichirô Saitô *Direcção artística:* Satoshi Chuko *Som:* Hisashi Shimonaga *Interpretação:* Hideko Takamine (Yukiko Koda), Masayuki Mori (Kengo Tomioka), Mariko Okada (Sei Mukai), Isao Yamagata (Sugio Iba), Chieko Nakakita (Kuniko Tomioka), Daisuke Katô (Seikichi Mukai), Mayuri Mokusho (Nomiya no musume), Noriko Sengoku (Yakushima no okaasan), Fuyuki Murakami (Futsuin no shikensho-chou), Heihachiro Okawa (Isha), etc.

Produção: Toho (Japão, 1955) *Produtor:* Sanezumi Fujimoto *Cópia:* ficheiro digital, preto-e-branco, legendado em inglês e electronicamente em português, 118 minutos *Estreia Mundial:* 15 de Janeiro de 1955, Japão *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.* 14 de Abril de 2007 (“História Permanente do Cinema”).

“*Nuvens Flutuantes*” é dos mais célebres filmes de Mikio Naruse, para muitos, a sua obra-prima, certamente um clássico do cinema japonês, um filme belíssimo. Integra o período de maturidade da obra de Naruse, os anos 1950, durante algum tempo recorrentemente descritos como o seu ponto maior. Ficando os rótulos normalmente aquém da complexidade dos factos e bastando lembrar os dois filmes posteriores, *Quando Uma Mulher Sobe as Escadas* e *Midaregumo / “Nuvens Dispersas”* (1960 e 1967), capazes de provocar o mais profundo espanto, concedamos que a década de 50 foi, na obra de Naruse, o tempo da maturidade. A de *Meshi / “Almoço”* (1951) e *Okaasan / “Mãe”* (1952), que se contam entre os seus títulos mais divulgados, mas também a de *Ginza Geisho / “Os Cosméticos de Ginza”* (1951), *Inazuma / “Relâmpago”* (1952), *Ani Imoto / “Irmão Mais Velho, Irmã Mais Nova”* (1953), *Bangiku / “Crisântemos Tardios”* (1954), *Yama no Oto / “A Voz da Montanha”* (1954), *Nagareru / “À Deriva”* (1956), *Iwashigumo / “Nuvens de Verão”* (1958)...

Quando, em 2009 – “Finalmente Naruse!” –, a Cinemateca apresentou uma extensa retrospectiva da sua obra, foi transparente como se trata de uma obra fundamentalmente *prima*. Dos anos 1930 iniciais na Shochiku aos 1960 finais, foram vistos cerca de quarenta títulos representativos da sua extensíssima filmografia de realizador no fértil contexto de estúdio do cinema japonês do século XX que viria a notabilizá-lo na constelação de autores em que pontuam os seus contemporâneos Kenji Mizoguchi e Yasujiro Ozu. Mikio Naruse era então, em Portugal, o mais desconhecido dos mais conhecidos cineastas japoneses. Nos textos que então foram acompanhando a apresentação dos filmes, a história, a maravilha foram sendo notados. O contexto do pós-guerra constitui em si mesmo um núcleo dentro dessa, como de outras, filmografia. É onde cabe “*Nuvens Flutuantes*”, que começa com imagens de actualidades de guerra e apanha, no dilaceramento do pós-guerra, as personagens da mulher e do homem que protagonizam esta história adaptada de Fumiko Hayashi, escritora japonesa recorrente em argumentos de Naruse (*Meshi*, *Inazuma*, *Tsuma*, *Bangiku*, além de *Ukigumo*), que a retratou em *Horoki / “À Deriva”* (1962), a partir da autobiografia. Hayashi foi uma fonte de inspiração assinalável para Naruse e seria “a mais notável escritora japonesa moderna” na opinião do poeta e crítico literário Martin Seymour-Smith: “nascida para o sofrimento, [Fumiko Hayashi] teve uma profunda compreensão do conjunto das classes mais desfavorecidas de Tóquio, retratando-as com um discretamente virtuoso realismo sem laivo e sentimentalismo.”

“Por vezes, falta-nos o mundo. Todos os bons realizadores (japoneses incluídos) o sabem. Se assim não fosse não filmariam. Em Mizoguchi, os indivíduos estão sempre perante aquilo que os despedaça. Em Ozu, nem sempre estão à altura daquilo que os faz continuar. Em Naruse – no Naruse de “*Nuvens Flutuantes*” – é o mundo que vacila, é o seu teor ‘real’ que declina sub-repticiamente. Os indivíduos, esses, endurecem. São eles as nuvens e não rebentam assim.” Serge Daney escreveu desta maneira sobre “*Nuvens Flutuantes*”, em 1984, por altura da estreia em França. As suas palavras vão ao encontro daquelas com as quais Naruse escolheu substituir a palavra “fim” (ausente do filme, não sem que tenha havido uma discussão com o produtor a esse propósito, vencida por Naruse, segundo um relato de Ume Takeda, montadora dos filmes de Naruse na Toho no período do pós-guerra), substituindo-a pela inscrição de um poema onde se lê: “Curta é a vida das flores / Infinitas as suas dores.”

“*Nuvens Flutuantes*” não foge à regra de Naruse. É um filme de uma infinita tristeza, do qual o drama está ausente por mais dramáticos que sejam os acontecimentos e situações narrativas a que as personagens estão sujeitas e que as fazem avançar acompanhando o avanço dessa mesma narrativa. Pode haver, como há em “*Nuvens Flutuantes*”, violação e abuso, prostituição, traições, perdas ou um crime, que não é nunca neles que a câmara se detém, preferindo referi-los de passagem com a ligeireza que eles efectivamente não têm, deixá-los fora de campo ou elidi-los para se concentrar naquilo que provocam. Como se, tomados na sua irremediabilidade, não fosse senão possível, para as personagens, para o filme, terem de se haver com eles. Não é das convulsões e da sua violência que o filme se ocupa nem a elas que chega, é delas que parte. Como acontece com a situação histórica – ou política ou social – de partida: a experiência quotidiana de um período imediatamente posterior a uma guerra perdida.

Yukiko e Kengo Tomioka conheceram-se durante a guerra, num posto da Indochina e, ao contrário do prometido por um e do esperado por outro, cada um seguiu o seu caminho uma vez a guerra acabada. Reencontram-se em Tóquio quando ela o procura na casa onde vive com a mulher que não deixou. “*Nuvens Flutuantes*” é o filme desse casal impossível como casal e que nem por isso o deixa de ser. É um filme de muitos encontros e separações, de persistência no abandono. Quando são filmados como casal – quando *se parecem a um casal*, como ela diz a dado passo – caminham lado a lado na rua, nas ruas, acompanhados pelo movimento lento da câmara que os capta em enquadramentos normalmente oblíquos. Só não sucede no último desses passeios, em que os passos são desencontrados, com um deles a seguir à frente do outro.

A história deles, amantes de guerra, é contada em *flashbacks* que, no princípio do filme, se intrometem no tempo presente da acção numa série de *raccords* secos e incisivos, por vezes funcionando em campos e contracampos que assim põem em diálogo o passado e o presente da história de um romance de tempo de guerra e tréguas difíceis em tempo de paz. A incisão desses *flashbacks*, o avanço e recuo temporal com eles obtido, só tem uma dimensão semelhantemente abrupta – mas simultaneamente fluente – nas elipses que surgem depois (o desencanto de Yukiko e a sua entrada na prostituição como modo de subsistência é dado de uma forma tão elíptica como eficaz, para dar um exemplo) e com as quais se obtém um efeito semelhante. Como a história de Yukiko e Kengo Tomioka, o filme é feito de descontinuidades e cortes, mas também da continuidade de uma relação mantida depois de acabada. “O nosso romance acabou com fim da guerra”, diz Tomioka a dada altura, quando propõe, em inglês, que definitivamente sigam cada um o seu “*my way*”.

De algum modo a sua afirmação será verdadeira e, pelo menos, até aos últimos momentos, em que não por acaso, a natureza toma conta do filme (a chuva na ilha onde “*Nuvens Flutuantes*” termina, a força da paisagem das montanhas), é de um estertor de sentimentos que se trata. Não se estranha portanto que a melancolia seja a dominante do filme (destes como de outros Naruse, de resto). Mas há *nuances* e no final, Naruse dá à sua heroína uma cena que não tem paralelo no filme. Mostra-a no seu último momento trágico e dá-lhe essa dimensão trágica, oferecendo à personagem masculina, que vamos vendo crescer na última parte do filme, uma reacção não menos trágica, mesmo se sublinhada por um pormenor tão simples como o uso de um baton vermelho numa boca já sem vida.